

Trabalhos Científicos

Título: Estudo Epidemiológico Acerca Da Cobertura Vacinal De Poliomielite Em Crianças No Brasil No Período De 2010 A 2022

Autores: MARIA EDUARDA FIGUEIREDO DE MELO (UNIFACISA), MARIA CLARA GALDINO LIMA (UNIFACISA), MICHELLE VENTURA BATISTA (UNIFACISA), MARIA ALICE SANTOS OLIVEIRA (UNIFACISA), SARA DIÓGENES PEIXOTO (UNIFACISA), PAULO FERNANDO MARTINS FILHO (UNIFACISA), VANESSA DE ARRUDA SANTOS (UNIFACISA)

Resumo: A Poliomielite (Pólio) é uma doença infecto-contagiosa aguda causada por um vírus que vive no intestino denominado poliovírus, ocorrendo com uma maior frequência em menores de 5 anos de idade. O presente trabalho tem como objetivo analisar a cobertura vacinal contra a Poliomielite em crianças no Brasil no período de 2010 a 2022. Além disso, visa discutir a importância da educação da população no que diz respeito à adesão da vacinação. Foi realizado um estudo epidemiológico e retrospectivo para avaliar a cobertura vacinal contra a Poliomielite (CID-10 A80) em crianças no período de 2010 a 2022. Os dados foram coletados a partir do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI/CGPNI/DEIDT/SVS/MS) Durante os doze anos analisados, observou-se uma diminuição na cobertura vacinal contra a poliomielite. Em 2010, 99,35% das crianças foram vacinadas contra a doença. Este percentual subiu para 101,33% em 2011, mas caiu para 96,55% em 2012. Em 2013, a cobertura voltou a subir, alcançando 100,71%, mas diminuiu novamente para 96,76% em 2014 e 98,29% em 2015. A partir de 2016, os índices caíram significativamente: 84,43% em 2016, 84,74% em 2017, 89,54% em 2018, 84,19% em 2019, 76,79% em 2020, 71,04% em 2021 e 77,20% em 2022. A poliomielite pode provocar sintomas como os de um resfriado comum até problemas graves no sistema nervoso, a exemplo de uma paralisia irreversível, na qual as crianças são o principal alvo. Seu diagnóstico pode ser confirmado através de exames laboratoriais, a exemplo, o exame para a detecção do poliovírus nas fezes ou no catarro do paciente infectado, a coleta de líquido cefalorraquidiano para pesquisa do agente causador. Apesar do êxito nas políticas de prevenção, vigilância e controle, no Brasil, os baixos níveis vacinais fazem com que a preocupação em ressurgir a pólio aumente. Atualmente, a recomendação do Ministério da Saúde é que a cobertura vacinal contra a poliomielite deve ser de, no mínimo, 95%. No entanto, percebe-se que ao longo dos últimos anos houve uma diminuição significativa na proporção de crianças vacinadas. Em 1994 o Brasil recebeu uma certificação de área livre de circulação do poliovírus, porém, hoje em dia é classificado como de alto risco para reintrodução do vírus. Esse retrocesso pode ser atribuído a vários fatores. Um deles é a ausência de surtos da doença, o que pode levar a população a subestimar a importância da prevenção. Outro fator significativo é a disseminação do movimento antivacina, que ganhou ainda mais força após a pandemia de COVID-19 em 2020, o qual gera hesitação e desconfiança em relação à segurança e eficácia das vacinas. Diante disso, é evidente a necessidade urgente de aumentar a cobertura vacinal para prevenir novos surtos da doença. Para alcançar esse objetivo, é essencial educar a população sobre a importância da vacinação infantil, reforçando a conscientização sobre os riscos e benefícios envolvidos.